



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas

Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-377-4 DOI 10.22533/at.ed.774190506 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Pensar nas discussões referentes ao ensino linguagem na escola significa criar as possibilidades de reflexão aos sujeitos em uma proposta interacional com as mudanças que ocorrem constantemente na sociedade.

A identidade deste livro caracteriza os trabalhos organizados como necessários ao processo de formação dos indivíduos. Sendo assim, nesta coletânea são apresentados quarenta estudos aos interlocutores atentos com as mudanças literárias, artísticas e sociais.

No primeiro capítulo, os autores compreendem as estratégias de incentivo à leitura de professores de Língua Portuguesa, de vários níveis da educação básica e com diferentes períodos de atuação. O segundo capítulo, por sua vez, discute e analisa o poema *Profundamente*, de Manuel Bandeira e o cotidiano que adquire significação simbólica no poeta. No terceiro capítulo, os autores identificam e estudam as danças e folguedos tradicionais brasileiros a partir da temática gênero.

A autora do quarto capítulo analisa a aprendizagem da escrita em português do sujeito surdo e as implicações na trajetória social. No quinto capítulo, o gênero textual Capa de CD é analisado pelos autores e no sexto capítulo o autor define discursivamente o conceito de gramática histórica, partindo da concepção clássica estabelecida por Ismael Coutinho com as abordagens de outros linguistas.

No sétimo trabalho, os autores discutem e refletem sobre as questões ortográficas no ensino do texto, perpassando por todas as etapas da feitura textual, além disso, analisam algumas produções. No oitavo capítulo, as autoras abordam a importância do professor na alfabetização das crianças de três a nove anos, sendo observada a necessidade do uso da fonética e fonologia no aprendizado do aprendiz. O autor do nono capítulo analisa a interação multilateral no ensino presencial mediado pela tecnologia do gênero discursivo digital videoconferência em aulas de linguagens para o ensino médio.

No décimo capítulo, os autores analisam a linguagem dos alunos em atividades de escrita colaborativa em um blog educacional para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa. No décimo primeiro capítulo, as autoras intencionam trazer pontos relevantes da história da educação e da escola como construção social, bem como pretendem lançar alguns olhares sobre a adolescência, etapa delicada na formação do sujeito. No décimo segundo capítulo, as autoras apresentam resultados parciais de uma pesquisa cuja finalidade parte da avaliação de uma unidade didática à luz dos gêneros textuais.

No décimo terceiro capítulo, a autora estabelece um diálogo entre a Análise do Discurso de linha francesa e o ensino de leitura de textos em língua materna. As autoras do décimo quarto capítulo analisam o vínculo intersemiótico de texto multimodal, em uma seção de leitura de um livro didático de Língua Portuguesa, dos anos finais do ensino fundamental. No décimo quinto capítulo, as autoras analisam as repercussões

que as avaliações externas apresentam na rotina da equipe pedagógica.

As autoras do décimo sexto capítulo compreendem o estabelecimento de um diálogo entre as mídias digitais e a formação do leitor. No décimo sétimo capítulo as autoras descrevem e analisam uma unidade didática do livro didático de Língua Estrangeira do Estado do Paraná para o ensino médio. No décimo oitavo capítulo o autor analisa as interações culturais entre cristãos e pagãos a partir do romance histórico *O Último Reino*, de Bernard Cornwell.

No décimo nono capítulo as autoras abordam o significado de nudez a partir de uma visualidade literária. No vigésimo capítulo, os dicionários monolíngues de aprendizes são o foco de análise e investigação. No vigésimo primeiro capítulo, os autores investigam a existência das figuras que desempenham tais papéis na obra *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Márquez.

No vigésimo segundo capítulo, os autores transitam entre definir e indefinir o conceito de espaço, ao mesmo tempo, que diferenciam de ambiente. No vigésimo terceiro capítulo são identificadas e analisadas algumas semelhanças e diferenças entre a obra literária *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. No vigésimo quarto capítulo a autora problematiza as danças de fanfarras, a partir de uma leitura crítico-reflexiva.

No vigésimo quinto capítulo é feita uma breve leitura analítica e interpretativa da narrativa do romance *Leite derramado*, de Chico Buarque. No vigésimo sexto capítulo uma análise de representações visuais é apresentada ao leitor. No vigésimo sétimo capítulo, os autores analisam, nos escritos montellianos, como se manifestam as identidades católica e protestante.

No vigésimo oitavo capítulo é apresentado um estudo sobre as estratégias de polidez linguística no discurso político de candidatos a prefeitos do município de Mocajuba. No vigésimo nono capítulo as autoras comungam de concepções discursivas advindas da Análise do Discurso e dos estudos culturalistas. No trigésimo capítulo, os autores problematizam o uso da internet a partir das habilidades de leitura e escrita.

No trigésimo primeiro capítulo, os autores relatam um projeto de extensão, com a função valorizar a cultura gaúcha, disseminado e promovendo-a entre a comunidade acadêmica. No trigésimo segundo capítulo, as autoras refletem sobre uma proposta de material didático pautada na observação dos usos da língua. No trigésimo terceiro capítulo, as autoras verificam a força das questões culturais, dos mitos, dos coloridos da mata em uma proposta interdisciplinar a partir de uma letra de canção.

No trigésimo quarto capítulo, a autora discute a temática letramento na concepção da aprendizagem semiótica. No trigésimo quinto capítulo a autora apresenta uma estratégia de aprendizagem de comprovado êxito em uma instituição escolar, localizada no município de Três Lagos – MS. No trigésimo sexto capítulo investigam-se as relações existentes entre a psicanálise e literatura, como o inconsciente desvela-se no discurso literário, tendo como *corpus* algumas obras literárias de Clarice Lispector.

No trigésimo sétimo capítulo, os autores discutem a formação da identidade

literária juvenil a partir de uma constituição poética. No trigésimo oitavo capítulo, a autora investiga através de trabalhos publicados como a ANPOLL promove um diálogo multicultural entre Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul. No trigésimo nono capítulo averigua-se o percurso da figuração do estrangeiro em dois romances e, por fim, no quadragésimo capítulo, os autores contribuem reflexivamente com o ensino de gêneros textuais na modalidade escrita nas aulas de língua estrangeira e, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo os autores associam o uso da plataforma Facebook em um processo dialógico destino aos alunos no contexto contemporâneo escolar.

Todos os autores ampliam as reflexões presentes nesta obra e revelam as razões de demonstrarem os conhecimentos aos interlocutores desta coletânea. Assim, esperamos que os leitores encontrem nos variados trabalhos os questionamentos capazes de problematizar outros e novos conhecimentos.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“ELES NÃO GOSTAM DE LER”: ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE INCENTIVO À LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Isabela Giacomini	
Laila Wilk Santos	
Lucas Arruda Tacla	
Theodora Rosskamp Kalbusch	
Rosana Mara Koerner	
DOI 10.22533/at.ed.7741905061	
CAPÍTULO 2	17
‘PROFUNDAMENTE’ EM MANUEL BANDEIRA: UM OLHAR INTERPRETATIVO	
Vitor Hugo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7741905062	
CAPÍTULO 3	28
“BRINCANDO DE SER MULHER”: UM ESTUDO SOBRE TRAVESTILIDADES NAS DANÇAS E FOLGUEDOS TRADICIONAIS BRASILEIROS	
José Roberto do Nascimento Junior	
Ana Cecília Vieira Soares	
DOI 10.22533/at.ed.7741905063	
CAPÍTULO 4	36
A APRENDIZAGEM DA ESCRITA E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA DO SUJEITO SURDO	
Miriam Maia de Araújo Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.7741905064	
CAPÍTULO 5	47
A FOTOGRAFIA COMO COMUNICAÇÃO, EXPRESSÃO E ARTE: UMA ANÁLISE DA CAPA DO CD CORAÇÃO DE JOHNNY HOOKER	
Renan da Silva Dalago	
Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.7741905065	
CAPÍTULO 6	57
A GRAMÁTICA HISTÓRICA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Adílio Junior de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7741905066	
CAPÍTULO 7	70
ORTOGRAFIA NO ENSINO DO TEXTO	
Ivan Vale de Sousa	
Maria Elizete Melo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7741905067	

CAPÍTULO 8	82
A IMPORTÂNCIA DA ARTICULAÇÃO DO PROFESSOR NA ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 3 A 9 ANOS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Letícia Saminez da Silva Jaina Milhomem Rezende Michelle Fonseca Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.7741905068	
CAPÍTULO 9	93
A INTERAÇÃO MULTILATERAL NO ENSINO DE LINGUAGENS MEDIADO PELA TECNOLOGIA DO GÊNERO DISCURSIVO DIGITAL VIDEOCONFERÊNCIA	
Naziozênio Antonio Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.7741905069	
CAPÍTULO 10	108
A LINGUAGEM DOS ALUNOS NA ESCRITA COLABORATIVA EM <i>BLOG</i> EDUCACIONAL PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Jaqueline Silva Santos Naziozênio Antonio Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.77419050610	
CAPÍTULO 11	124
ADOLESCÊNCIA E ESCOLA: ALGUNS OLHARES	
Maria Rute Depoi da Silva Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050611	
CAPÍTULO 12	132
ALFABETIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: UMA ABORDAGEM PELOS GÊNEROS TEXTUAIS	
Luci Piletti Niedermayer Carmen Teresinha Baumgartner	
DOI 10.22533/at.ed.77419050612	
CAPÍTULO 13	144
ANÁLISE DO DISCURSO E FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliana Alves Greco	
DOI 10.22533/at.ed.77419050613	
CAPÍTULO 14	151
APLICAÇÃO DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL NA ANÁLISE DE UM TEXTO MULTIMODAL	
Jeniffer Streb da Silva Noara Bolzan Martins	
DOI 10.22533/at.ed.77419050614	
CAPÍTULO 15	159
AS AVALIAÇÕES EXTERNAS E SUAS REPERCUSSÕES NA ROTINA DA EQUIPE PEDAGÓGICA	
Letícia Mendonça Lopes Ribeiro Priscila Adriana Silva Sacramento Janaína Arostilde Belmiro	
DOI 10.22533/at.ed.77419050615	

CAPÍTULO 16	172
AS CRIANÇAS DA ERA DAS MÍDIAS DIGITAIS E SUAS RELAÇÕES COM A LEITURA LITERÁRIA	
Francisca Rodrigues Lopes Elizangela Silva de Sousa Moura Liliane Rodrigues de Almeida Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.77419050616	
CAPÍTULO 17	182
AS FÁBULAS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES	
Eliana Santiago Gonçalves Edmundo Ana Paula de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.77419050617	
CAPÍTULO 18	199
AS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE VIKINGS E SAXÕES DO OESTE NA OBRA O ÚLTIMO REINO DE BERNARD CORNWELL	
Lucas Luiz Oliveira Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.77419050618	
CAPÍTULO 19	208
ATRAVÉS DE LINHAS E MANCHAS PULSAM AS SENSações: A PINTURA DE LUCIAN FREUD E O DESNUDAMENTO DO SER	
Rochele Maria Borelli Bernadette Maria Panek	
DOI 10.22533/at.ed.77419050619	
CAPÍTULO 20	220
CAPACIDADES E LIMITAÇÕES DOS DICIONÁRIOS DE APRENDIZES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Laura Campos de Borba	
DOI 10.22533/at.ed.77419050620	
CAPÍTULO 21	236
“CEM ANOS DE SOLIDÃO”, DE GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ : A TEORIA DAS PERSONAGENS	
Matheus Luamm Santos Formiga Bispo Milena Menezes Santos	
DOI 10.22533/at.ed.77419050621	
CAPÍTULO 22	245
DA CONSTRUÇÃO À RECONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: O ESPAÇO CONFIDENCIAL EM <i>CABIDELIM</i> , <i>O DOCE MONSTRINHO</i> , DE SYLVIA ORTHOF	
Luciana Petroni Antikeira Chirzóstomo Wagner Corsino Enedino	
DOI 10.22533/at.ed.77419050622	
CAPÍTULO 23	255
DA LITERATURA PARA O CINEMA: A ADAPTAÇÃO DA OBRA A HORA DA ESTRELA	
Ray da Silva Santos Débora Wagner Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050623	

CAPÍTULO 24	270
DANÇAS DE FANFARRAS: UMA LEITURA CRÍTICA	
Erika Kraychete Alves	
DOI 10.22533/at.ed.77419050624	
CAPÍTULO 25	274
DECADÊNCIA E MEMÓRIA EM LEITE DERRAMADO, CHICO BUARQUE	
Dulce Maurilia Ribeiro Borges	
DOI 10.22533/at.ed.77419050625	
CAPÍTULO 26	287
DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES MULTIMODAIS DO MOVIMENTO “PANELAÇO” NO CONTEXTO POLÍTICO DO BRASIL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Eni Abadia Batista	
DOI 10.22533/at.ed.77419050626	
CAPÍTULO 27	304
ENTRE A FÉ E OS CONFLITOS: AS FACES DA IDENTIDADE CRISTÃ EM OS DEGRAUS DO PARAÍSO, DE JOSUÉ MONTELLO	
Thiago Victor Araújo dos Santos Nogueira	
Paloma Veras Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.77419050627	
CAPÍTULO 28	317
ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ LINGUÍSTICA NO DISCURSO POLÍTICO DE CANDIDATOS A PREFEITOS DO MUNICÍPIO DE MOCAJUBA-PA	
Elber José Alves Corrêa	
Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.77419050628	
CAPÍTULO 29	328
ÍNDIO SURDO E EDUCAÇÃO BÁSICA EM SUAS (DES)IDENTIFICAÇÕES: UM ESTUDO DE CASO	
Michelle Sousa Mussato	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.77419050629	
CAPÍTULO 30	343
INTERNET, LEITURA E ESCRITA:UM DESAFIO MEDIADO PELO PROFESSOR DE LÍNGUA ADICIONAL	
Daiane Ventorini Pohlmann Michelotti	
Virginia Ponche Barbosa	
Alessandro Carvalho Bica	
DOI 10.22533/at.ed.77419050630	

CAPÍTULO 31	352
INVERNADA ARTÍSTICA CHÃO BATIDO – CULTIVANDO A TRADIÇÃO GAÚCHA: UM PROJETO DE EXTENSÃO REALIZADO EM 2016	
<p>Ana Paula Palharini Daniel Verbes Padilha Deise Pieniz Casagrande Maico Mantovani Tolfo Mylla Keenan Acosta Maiara Bertl</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050631	
CAPÍTULO 32	356
LEITURA E PRODUÇÃO DE SENTIDO NA INTERFACE DOS GÊNEROS DIGITAIS E DA MULTIMODALIDADE	
<p>Nágida Maria da Silva Paiva Iara Ferreira de Melo Martins Ana Cláudia Soares Pinto</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050632	
CAPÍTULO 33	369
LETRA DA CANÇÃO: “SAGA DA AMAZÔNIA”: UM OLHAR INTERDISCIPLINAR	
<p>Márcia Antonia Guedes Molina Valéria Angélica Ribeiro Arauz</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050633	
CAPÍTULO 34	382
LETRAMENTOS E APRENDIZAGEM SEMIÓTICA: POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS NA ESCOLA	
<p>Áurea Maria Brandão Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050634	
CAPÍTULO 35	392
LITERATURA E OUTRAS ARTES: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES	
<p>Vitória Regina Xavier da Silva</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050635	
CAPÍTULO 36	406
LITERATURA E PSICANÁLISE: A PRESENÇA DO INCONSCIENTE NA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR	
<p>Ray da Silva Santos Sara Goretti Ferreira Daiane Menezes Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050636	
CAPÍTULO 37	419
LITERATURA JUVENIL E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE EM “ <i>CECÍLIA QUE AMAVA FERNANDO</i> ”: CONHECENDO A SI ATRAVÉS DO OUTRO	
<p>Eliene da Silva Dias Diógenes Buenos Aires Sandra Helena Andrade de Oliveira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050637	

CAPÍTULO 38	431
MAPA DE INSTITUIÇÕES LINGUÍSTICO-LITERÁRIAS NA REVISTA DA ANPOLL	
Mariana Argolo Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050638	
CAPÍTULO 39	443
MAPAS DO ENCONTRO ENTRE O PRÓPRIO E O ALHEIO – CARTOGRAFIAS DA ALTERIDADE NA NARRATIVA DE ADRIANA LISBOA E ANA MIRANDA	
Aina de Oliveira Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.77419050639	
CAPÍTULO 40	456
MATERIAIS DE PRODUÇÃO ESCRITA NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA – ELE A ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	
Carlos Eduardo da Silva	
Cristina Corral Esteve	
DOI 10.22533/at.ed.77419050640	
CAPÍTULO 41	468
AS FACETAS DA CONTEMPORANEIDADE. O DIALOGISMO DIGITAL PARA OS ALUNOS: O FACEBOOK E A POESIA VIRAL	
Regimário Costa Moura	
Ana Cristina dos Santos	
Raquel Araújo Luna	
Rideusa Caroline Correia do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.77419050641	
SOBRE O ORGANIZADOR	476

DA CONSTRUÇÃO À RECONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: O ESPAÇO CONFIDENCIAL EM *CABIDELIM, O DOCE MONSTRINHO*, DE SYLVIA ORTHOF

Luciana Petroni Antiqueira Chirzóstomo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –
UFMS

Três Lagoas – MS

Wagner Corsino Enedino

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –
UFMS

Três Lagoas – MS

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo (in) definir o conceito de espaço, diferenciando-o de ambiente e, para isso, utilizaremos os pressupostos teóricos de Abdala Junior (1995), Dimas (1987), Gancho (1991) e Lins (1976). Serão abordadas questões relativas à configuração do espaço na obra *Cabidelim, o doce monstrinho* (1986), de Sylvia Orthof confrontando com as reflexões acerca de espaços de intimidade apontadas por Gaston Bachelard (1993). Dessa forma, pretendemos compreender como se desvela o espaço confidencial descrito na obra. Sylvia Orthof teve uma vida dedicada à arte dramática: foi diretora, pesquisadora e professora de teatro. A experiência teatral auxiliou na formação da escritora, a qual possui obras publicadas tanto no gênero dramático quanto no narrativo. Sua poética é marcada pelo humor descomedido, permitindo a fruição de crianças e adultos. A efabulação se inicia no momento em que

a narradora-protagonista está entristecida e chateada com situações cotidianas que vão desde problemas financeiros até uma unha encravada. Quando abre o armário para se vestir, encontra Cabidelim, um simpático monstrinho que habita aquele espaço. A partir daí, estabelece-se um vínculo entre ambos que, a princípio, não é tão amistoso; todavia, aos poucos, com seu jeito doce e afável, o monstrinho acaba conquistando a amizade da personagem.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantojuvenil brasileira; Sylvia Orthof; Espaço.

ABSTRACT: This paper aims to define the concept of space, differentiating it from the environment and, for this, we will use the theoretical assumptions of Abdala Junior (1995), Dimas (1987), Gancho (1991) and Lins (1976). Questions related to the configuration of the space in the work *Cabidelim, the sweet little monster* (1986), of Sylvia Orthof will be approached with the reflections on spaces of intimacy pointed out by Gaston Bachelard (1993). In this way, we intend to understand how the confidential space described in the work is revealed. Sylvia Orthof had a life dedicated to the dramatic art: it was director, researcher and professor of theater. The theatrical experience assisted in the formation of the writer, who has works published in both the dramatic and

narrative genres. His poetics is marked by unbridled humor, allowing the enjoyment of children and adults. The epilation begins at the moment when the narrator-protagonist is saddened and upset with everyday situations ranging from financial problems to a nail jam. When he opens the closet to get dressed, he finds Cabidelim, a nice little monster that inhabits that space. From there, a bond is established between the two that, at first, is not so friendly; however, gradually, with his sweet and gentle way, the little monster ends up conquering the character's friendship.

KEYWORDS: Brazilian children's literature; Sylvia Orthof; Space.

1 | (IN)DEFINIÇÕES DE ESPAÇO

O espaço é um elemento significativo dentre aqueles que podem ser destacados nas obras literárias. Segundo a professora e pesquisadora Cândida Vilares Gancho (1991, p. 23) “Espaço é, por definição, o lugar onde se passa a ação numa narrativa”, ou seja, o cenário no qual acontece o desenrolar dos fatos. Esse espaço, além de “[...] situar as ações dos personagens”, influencia o relacionamento entre eles, auxiliando na modificação de “atitudes, pensamentos ou emoções” (GANCHO, 1991, p. 23).

As histórias das obras literárias podem desenrolar-se em diferentes espaços: na cidade ou no campo, na floresta ou na praia, em cidades fictícias ou reais, em lugares comuns ou fantásticos etc. Não obstante, o que prevalece, na maioria dos casos, é uma descrição física do espaço, pois segundo o professor e crítico literário Benjamin Abdala Junior reserva-se “[...] o termo **ambiente** para a intersecção [...] entre os espaços físicos, sociais e psicológicos” (1995, p. 48). Com efeito, podemos ter um ambiente acolhedor ou opressor; tudo depende da forma como as personagens se relacionam dentro do espaço físico descrito na diegese.

O professor e pesquisador Antonio Dimas (1987, p. 20) faz a distinção entre espaço e ambiente: “[...] o espaço é denotado; a ambientação é conotada. O primeiro é patente e explícito; o segundo, é subjacente e implícito. O primeiro contém dados de realidade que, numa instância posterior, podem alcançar uma dimensão simbólica”. A partir disso, podemos ponderar que o espaço está claro; frequentemente vem descrito e apresenta significativos traços do universo real. Já a ambientação é sugerida, subentendida; conseguimos apreendê-la por meio das ações das personagens e da forma como o texto é narrado.

Nesse sentido, o escritor e teórico Osman Lins (1976, p. 77, grifos do teórico) corrobora afirmando que: “Por *ambientação*, entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado *ambiente*. Para a aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo”, já que o espaço se assemelha à realidade.

Passando para uma análise mais filosófica do espaço, podemos nos reportar ao filósofo e poeta francês Gaston Bachelard (1993, p. 28) quando este assevera que “(e) m seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço”.

Tentando definir o conceito de espaço, nos deparamos com diferentes denominações – espaço, ambiente – inclusive percebemos que há uma tênue linha que separa tempo e espaço, pois podemos conservar o tempo dentro das dimensões espaciais.

Gancho (1991, p. 23) estabelece a aproximação espaço-tempo para definir o ambiente, pois, segundo ela, esse “[...] é a confluência destes dois referenciais, acrescido de um clima”. Portanto, o espaço de determinada obra literária estará permeado pela atmosfera criada pelas personagens com o desenrolar da ação na história.

2 | O ESPAÇO EM *CABIDELIM, O DOCE MONSTRINHO*

Antes de iniciar uma análise espacial da obra, cabe aqui destacar algumas informações relevantes sobre a autora. Sylvia Orthof nasceu no Rio de Janeiro/RJ, em 1932 e faleceu em Petrópolis/RJ, em 1997. Foi atriz, diretora, pesquisadora, professora de teatro e escritora, com um trabalho sempre voltado para as crianças. Segundo relatos da autora, que constam em sua biografia, “(f)oi pelo teatro, pela paixão pelas paixões, que me envolvi com livros” (ORTHOF, 1996, p. 15).

A artista começou a escrever peças teatrais infantojuvenis e ganhou concursos de dramaturgia. O primeiro deles foi com *A viagem de um barquinho*, em 1975, pela Fundação Teatro Guaíra, do Governo do Paraná, o que abriu caminho para escrever outros gêneros literários e ganhar outros prêmios. Ruth Rocha era editora da revista *Recreio* e pediu que Orthof lhe enviasse algumas histórias.

Para poder enviar vinte histórias, havia um segredo: eu começara a colecionar idéias que pensava que poderia transformar em teatro infantil. Tinha uma caixa lilás, cor de magia, onde colocava papezinhos, rabiscos, notícias de jornal, tudo que pudesse virar enredo. A caixa, desbotadinha, existe até hoje (ORTHOF, 1996, p. 42).

Assim, Sylvia Orthof iniciou sua carreira de escritora. Certa vez disse: “Deixei de ser atriz, virei escritora. Isso aconteceu quando eu tinha quarenta e oito anos” (ORTHOF, 1996, p. 46). A autora escreveu mais de 120 livros entre contos, peças teatrais e poesias destinadas ao público infantojuvenil. No cenário artístico nacional destacou-se pelo seu profícuo conhecimento e grande experiência teatral. Notadamente, esse lastro foi decisivo para a conquista de seu título literário “[...] cuja nota marcante é o dinamismo dos acontecimentos, o humor solto e sadio, o riso contagiante” (COELHO, 1995, p. 1063). Todos esses ingredientes fizeram da obra de Sylvia Orthof ser tão prestigiada pelo público infantojuvenil e contagiando o adulto.

Por meio da leitura de sua biografia e de suas obras, percebemos que o teatro esteve presente em todos os momentos de sua vida. Foi a mola propulsora responsável por despertar a escritora adormecida. Orthof aproxima a representação (*showing*) da escrita (*telling*), conforme podemos verificar em um excerto de suas confissões: “Nunca ainda eu havia confessado que me apalhafava em palavras quando escrevia.

A palavra escrita é silenciosa, espécie de mímica que vai tomando forma em símbolos, tal como gestos” (ORTHOF, 1996, p. 15).

A sua obra reflete a paixão pelo teatro e pelas crianças. A pedagoga e crítica de literatura infantil Fanny Abramovich relata que: “SYLVIA ORTHOF é das poucas pessoas neste país que leva criança a sério e por isso dá para gente confiar nela, tenha a idade que tiver...” (ABRAMOVICH, 1986, Orelha do livro). Nessa seara, cumpre mencionar que Sylvia Orthof possui uma obra repleta de humor em que reinam o universo da fantasia, da imaginação, chegando à beira do absurdo. A autora mistura fatos e personagens reais com coisas inventadas, em situações imprevisíveis e excitantes, permitindo “[...] a comunicação com todas as faixas etárias” (GUINSBURG; FARIA; LIMA, 2006, p. 160).

Cabidelim, o doce monstrinho (1986) é um texto narrativo escrito por Sylvia Orthof que nos traz a história de um monstrinho que vive dentro de um armário de roupa, e adora abraçar as pessoas. Trata-se de uma obra literária cuja classificação (nem sempre unânime) é infantojuvenil, pois há uma preocupação com o sujeito-criança que vai ler a história. Ocorre, todavia, que as reflexões propostas pela autora ultrapassam a classificação etária.

A efabulação inicia-se a partir do momento em que a “dona do armário” está no banheiro e parece triste, pois tudo de errado acontece com ela. Vejamos um excerto da narração:

Eu conheci Cabidelim num dia em que eu estava triste. Já tinha chorado no banheiro, enquanto tomava banho... Tinha penteado o cabelo e passado talco no nariz, pra disfarçar a vermelhidão da tristeza.

Você quer saber o motivo do meu choro? Conto? Não conto? Conto? Não conto? Conto:

Eu estava chateada da vida. Tão chateada, que esqueci o motivo da chateação. Era alguma coisa misturada com raiva da vizinha, unha encravada, falta de dinheiro, além de ter detestado aquele domingo, porque chovia (ORTHOF, 1986, p. 3-4).

Depois, a narradora-personagem dirige-se até o quarto, com a intenção de escolher uma roupa para vestir. Ao abrir o armário, uma surpresa:

Foi aí, que penduradinho no cabide, no fundo do armário, encontrei o monstrinho de olhos doces. No primeiro instante, levei um susto e gritei:

- Ai! Tem um monstrinho no meu armário, pendurado num cabide!

Aí, o monstrinho de olhos doces deu um pulinho e gritou:

- Ui! Tem uma dona de nariz vermelho com pó branco por cima, de calça jeans desbotada, chinelo torto e unha encravada no MEU armário! (ORTHOF, 1986, p. 5).

Ocorre, então, um embate: afinal, de quem é o armário? A “dona do armário” afirma ser ela a proprietária, pois foi quem comprou o objeto; enquanto Cabidelim assevera que sempre morou dentro do móvel e que a narradora-personagem comprou-o com

ele dentro. Para uma reflexão de maior envergadura analítica, é pertinente trazer a descrição de Cabidelim na diegése:

Olhos pestanudos, cara redonda,

nariz de batata, daquela batata que está brotando, sabe? No lugar das orelhas, Cabidelim tinha braços-ouvintes, muito carinhosos. Qualquer pessoa que viesse conversar com Cabidelim, era escutado e abraçado. Para escutar melhor, Cabidelim abraçava bem abraçadinho, pois seus braços-ouvintes, desse jeito, ouviam melhor.

Cabidelim era careca. No alto do cocoruto, em vez de cabelo, Cabidelim tinha uma violeta, meio encabulada (ORTHOF, 1986, p. 3).

O primeiro problema enfrentado pela narradora-personagem é o fato de a vizinha ter reclamado que sua voz parecia de “taquara rachada”.

Resolvi cantar a primeira música que me veio à cabeça. Era o “Salve lindo pendão da esperança, salve símbolo agosto...”

- Símbolo o que de quê de quezinho? – perguntou Cabidelim.

- Augusto.

Cabidelim me abraçava muito forte, para ouvir melhor. Eu repeti:

- Símbolo AUGUSTO!

- Augusto só é bonito pra nome de menino, tipo César Augusto. Eu conheço um César Augusto que é muito simpático. E não leva a mal, mas você pode até estar cantando uma cantiga muito bonita... mas a sua voz é de cana rachadíssima, mesmo, me perdoa, sua vizinha tem razão. Pode chorar mais, eu abraço você... e depois, você se acostuma com a idéia e deixa de esganiçar os símbolos augustos... tá? Eu funguei, muito da sofrida. Afinal, o hino era tão bonito... e Cabidelim me arrasara.

- É o tom que faz a música... entende? – falou Cabidelim, muito amigo, me abraçando. E naquele abraço, entendi (ORTHOF, 1986, p. 10).

Abraçando bem forte com seus “braços-ouvintes”, o monstrinho consegue ouvir as lamentações das pessoas e ajudá-las. Dessa forma, ele aconchega, acalma e alivia a tristeza dos outros. Ele é um monstrinho muito educado, formado na “Escola Superior de Confidências” (ORTHOF, 1986, p. 7).

O segundo problema descrito é sobre um dinheiro que a personagem emprestou e a pessoa não devolveu.

Cabidelim chorava. Eu não entendia porque Cabidelim tinha tanta pena de quem não pagava suas dívidas.

- Cabidelim, você está com pena da devedora?

- Estou, coitadinha dela (snif)... Ela pediu dinheiro emprestado e não paga? Não respeita os compromissos? Coitadinha da pessoa (snif, snif, snif)!

Eu fiquei danada: então Cabidelim chorava por quem não pagava? Era o cúmulo!

- Eu choro pela pobre, coitada-coitadíssima: ela... ela... será que eu digo o horror da palavra... digo? Ela é... é (snif, snif)... coitada. Ela é... desonesta!

Depois de dizer tal palavra, Cabidelim desmaiou, esverdeando. Abri a janela, para que ele respirasse ar puro. Aí ele acordou um pouquinho, só meio olho e disse:

- Quando desmaio, preciso de cheiro de mofo de armário!

Coloquei Cabidelim no armário, ele respirou fundo, ficou rosado e bem disposto (ORTHOFF, 1986, p. 12-13).

Bachelard (1993, p. 99) aponta que existe um despertar da “vida noturna na intimidade do móvel”. No caso específico desta obra literária, não se trata de uma “vida noturna”, mas da própria vida do monstrinho que, ao entrar em contato com seu espaço natural, sentiu-se revigorado e fortalecido.

A narradora-personagem conta, então, o terceiro problema:

- Estou com uma unha muito encravada, veja!

Cabidelim olhou, examinou a minha unha com uma lente de aumento e concordou:

- É, a unha está encravada. Mas não é das mais encravadas. Acho que você já chorou o suficiente. Se chorar mais, fica desequilibrada: lágrimas demais, para encravamento simples (ORTHOFF, 1986, p. 13-14).

Essa obra literária nos conduz ao mundo das confidências, ao universo íntimo de cada um. E, assim como já foi mencionado, a obra pode ser fruída tanto por crianças quanto por adultos. Cada um assimilará conforme sua capacidade e experiência de vida, de formação de leitor.

Quem é, afinal, a narradora-personagem? Ela pode ser qualquer um: seres humanos adultos que enfrentam toda sorte de situações e está passando por um dia ruim. Uma mulher que não possui nome, não possui identidade, podendo ser qualquer mulher. Ou, numa hipótese mais abrangente, qualquer ser humano adulto que passa por dificuldades e tristezas. A personagem olha-se no espelho e não se reconhece, está confusa a respeito da própria identidade. Para André Schiffrin (*Apud* Moita Lopes, 2002, p. 197) a ideia de **quem somos nós?** “[...] é apoiada em nossas interações contínuas com os outros, e pelo modo como nos posicionamos em relação aos outros”.

Filiada a uma esfera contemporânea, a obra de Sylvia Orthof impõe um diferencial no que se refere à representação da personagem. Sem deixar de considerar as variantes e exceções, temos na literatura contemporânea o desejo de revelar a fragmentação do sujeito na sociedade em que vivemos a partir da representação das relações sociais desiguais, marcadas pela quase invariável “perda da identidade”. Em contrapartida, o projeto estético/literário no qual se insere Sylvia Orthof, especialmente no que diz respeito à obra *Cabidelim, o doce monstrinho* (1986), procura contrapor esse *status quo*, deixando espaços vazios para que o leitor possa preenchê-los de acordo com

suas experiências. Nessa verve, cumpre mencionar a já consagrada frase do educador Paulo Freire “A leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Além disso, não é forçoso avaliar que a obra de Orthof não reduz espaços de leitura; ao contrário, deixa em aberto para que qualquer leitor seja, fundamentalmente, o personagem-narrador. Com efeito, na contemporaneidade, é relevante que as produções literárias marquem seus posicionamentos no processo de construção de sua identidade, uma vez que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2003, p. 09).

Quando nos deparamos com este tipo de situação, o mais comum são as pessoas ficarem introspectivas, ensimesmadas. Essas pessoas refugiam-se dentro de espaços íntimos, como o quarto de uma casa. A personagem-narradora transita do banheiro para o quarto, depois, adentra um espaço de intimidade maior ainda: o armário.

O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses “objetos” e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria um modelo de intimidade (BACHELARD, 1993, p. 91).

Dessa forma, a partir de objetos que podem guardar segredos, nossa vida íntima foi criada e organizada, sendo possível construir um “modelo de intimidade”, assim como definiu Bachelard. Podemos sugerir que a personagem é um adulto com problemas que se refugia dentro de espaços íntimos para reorganizar-se, voltar-se para si, reencontrar-se. O armário seria este lugar de reordenação, pois

(n)o armário vive um centro de ordem que protege toda a casa contra uma desordem sem limite. Nele reina a ordem, ou antes, nele a ordem é um reino. A ordem não é simplesmente geométrica. A ordem recorda nele a história da família (BACHELARD, 1993, p. 91-92).

Não só a história da família, mas a história da pessoa que possui o armário está guardada a “sete chaves” dentro dele. O armário, que protege e organiza as roupas e objetos pessoais de seu dono, pode proporcionar a ele, assim que entrar em contato com as recordações guardadas, o processo inverso: a reorganização. “Às vezes, um móvel amorosamente trabalhado tem perspectivas interiores constantemente modificadas pelo devaneio. Abrimos o móvel e descobrimos uma morada” (BACHELARD, 1993, p. 99). E assim aconteceu: a personagem da ficção descobriu a morada do monstrinho dentro de seu armário.

Cabidelim não tem esse nome por acaso: assim como um cabide organiza as roupas dentro do armário, o monstrinho tem o objetivo de ajudar na organização. Sylvia

Orthof recria, ludicamente, o substantivo “cabide” e, daí, deriva o nome, em forma de neologismo, do monstrinho-personagem. Ao sair do armário, o monstrinho arruma as coisas ao seu redor, ou seja, numa analogia ao objeto que dá origem ao seu nome, Cabidelim organiza o ambiente interno e externo.

Cumpramos ressaltar que o título da obra provoca no leitor a expectativa das situações narrativas que se sucederão no plano da diegese; permitindo-lhe relacionar-se de forma absoluta com a percepção de mundo apresentada pela autora. Com efeito, o título é o fio que entrelaça todas as significações textuais. Nesse segmento, considerando a aproximação que Sylvia Orthof mantém com a prática de escrita teatral, não é forçoso nos valermos do que preconiza Jean-Pierre Ryngaert (1996, p. 37-8) acerca da constituição de um título de uma obra:

Na prática, o título nos interessa como 'primeiro sinal' de uma obra, intenção de obedecer ou não às tradições históricas, jogo inicial com um conteúdo a ser revelado do qual ele é a vitrine ou o anúncio, o chamariz ou o selo de qualidade. As informações que ele fornece, por mais frágeis que sejam, merecem ser consideradas.

Para classificar Cabidelim, a autora faz uso, no título, do chamado oxímoro ou paradoxo. Na obra, Sylvia Orthof une duas palavras que abrigam ideias opostas: o adjetivo “doce” que, segundo Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2001, p. 1078) significa, de modo figurado, aquele “[...] que demonstra docilidade e ternura; afetuoso, amável, meigo”, para qualificar o substantivo masculino “monstro”, o qual congrega significado de “[...] ser disforme, fantástico e ameaçador” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1955). Ocorre, todavia, que ao trazer o signo linguístico “monstro”, no diminutivo, a autora constrói e reconstrói sentidos, uma vez que “monstro” seguido do sufixo “inho”, pode apresentar, no mínimo, três acepções, a saber: ideia de afetividade, noção de tamanho e, ainda, semanticamente, caráter pejorativo. Com a leitura da ficção, a autora nos conduz a compreensão de que a primeira acepção é o que perpassa a configuração de seu personagem. Avaliamos que o título da obra une duas ideias opostas que não se excluem mutuamente num mesmo referente, criando, literariamente, um efeito de aproximação.

Cabidelim, com sua simpatia e amorosidade, demonstra que a reorganização pode ser feita por meio do afeto. No universo da fantasia, explicitado na obra, o “doce monstrinho” é o responsável por transmitir o afeto; fazendo uma analogia, podemos dizer que, na vida real, são as recordações, as lembranças felizes ou não que desempenham este papel.

O ambiente externo, antes de Cabidelim, era de tristeza e chateação. Com o desenrolar da história, o monstrinho consegue cativar a mulher e, aos poucos, conquistar sua confiança, por meio do afeto. Cabidelim transforma o ambiente de tristeza em um ambiente afetivo e alegre. Conforme podemos observar nas palavras do monstrinho: “- Descobri que somos da mesma família: você tem unha encravada... e eu, tenho braços encravados nas orelhas. Vamos comemorar? E nós comemoramos:

comemos pipocas dentro do nosso armário” (ORTHOF, 1986, p.14-15).

O ambiente de afeto e aconchego permitiu que o armário – antes motivo de discussão em função da sua propriedade – se tornasse um objeto compartilhado por eles. Descobrimos, então, que a afetividade faz com que as pessoas queiram dividir objetos e segredos mais íntimos, pois segundo Bachelard (1993, p. 91):

[...] o espaço interior do velho armário é profundo. O espaço interior do armário é um *espaço de intimidade*, um espaço que não se abre para qualquer um.

[...] Num armário, só um pobre de espírito poderia guardar uma coisa qualquer. Guardar uma coisa qualquer, de qualquer maneira.

Os objetos que são relevantes para nós ficam guardados em lugares íntimos que não são partilhados com qualquer um. O que é mais sigiloso para um ser humano só é revelado se e quando a pessoa quiser. É preciso sentir confiança para compartilhar nossa privacidade.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabidelim, o doce monstinho é uma obra literária infantojuvenil que permite a fruição tanto de crianças quanto de adultos, pois traz no enredo a história de uma personagem que encontra, na amizade de um monstinho, o caminho para superar suas tristezas. Sylvia Orthof nos apresenta uma obra singela que mostra a necessidade de afeto e aconchego para auxiliar a aproximação das pessoas, permitindo o compartilhamento da privacidade.

Trata-se de uma história que poderá ser compreendida por todos os leitores, pois até mesmo questões relacionadas à confidencialidade e à necessidade de espaços de intimidade serão absorvidas tanto por adultos quanto por crianças, a partir da capacidade de cada um.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo: Scipione, 1995.

ABRAMOVICH, Fanny. [Orelha do livro]. In: ORTHOF, Sylvia. **Cabidelim, o doce monstinho**. 3. ed. Rio de Janeiro: Memórias Futuras, 1986.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: Séculos XIX e XX**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática, 1987.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.

GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariangela Alves de. (Orgs.). **Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos**. São Paulo: Perspectiva: Sesc São Paulo, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

ORTHOFF, Sylvia. **Cabidelim, o doce monstrinho**. 3. ed. Rio de Janeiro: Memórias Futuras, 1986.

_____. **Livro aberto: confissões de uma inventadeira de palco e escrita**. São Paulo: Atual, 1996. – (Passando a limpo).

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Introdução à análise do teatro**. Trad. Paulo Neves; Revisão da trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-377-4

